

Título	A ferida infinita. Sobre Eugénia Vilela, <i>Do Corpo Equívoco. Reflexões sobre a verdade e a educação nas narrativas epistemológicas da modernidade</i> . Angelus Novus, Braga/Coimbra, 1998
Autor	Rui Magalhães
Keywords	Corpo Epistemologia Ciências Humanas
Origem	Publicado originalmente em <i>Ciberkiosk, Ciberkiosk</i> , nº 4, Dezembro de 1998
Referência	http://sweet.ua.pt/~f660/docs/Corpoequivoco.pdf

©Rui Magalhães – Uso livre, indicando a fonte

«A razão sem choro ou riso que estremece o corpo fazendo-o reencontrar a desordem, é inumana, e um princípio inumano não pode compreender o humano» (p. 130).
Eugénia Vilela

1. Ler

Ler - e ler filosofia em particular - é, muitas vezes, uma experiência decepcionante, quando se chega a uma certa idade. Não apenas porque nos tornamos capazes de distinguir entre aquilo que o autor diz e aquilo que quer dizer, nem tão pouco porque o longo adestramento do olhar proporcionado pelo contacto com os textos nos ensinou a reconhecer o infinito deslocamento entre todos esses discursos, a sua densidade conceptual e o sentido de tudo isso no plano da existência real.

A construção teórica, como a invenção conceptual, não deixam de ser modos mais ou menos impertinentes de a sintaxe profunda que nos governa se ir impondo sob formas sempre renovadas e cada vez mais sofisticadas. Tal é o círculo do pensamento, sobretudo enquanto se acredita como livre e crítico.

Cada livro é apenas mais um link que nasce para ocupar o seu lugar pré-definido no infinito universo do saber. Desse saber onde buscamos, enquanto existentes, uma constante fonte de identificação. Entendido neste sentido, o saber é um outro plano da imagem - o menos crítico de todos porque se ignora como imagem.

O essencial é, no entanto, que, no meio de todas estas razões e aquém ou além de todas elas, nunca o leitor, por mais prevenido que seja, é capaz de vencer esse sentimento tão comum e simultaneamente tão íntimo que é a expectativa. Raros são, por conseguinte, os textos que não desiludem essa expectativa. E quando nos é dada a possibilidade de estar perante um deles, então a leitura é um encontro e um acontecimento.

Do Corpo Equívoco é um desses casos. Não é fácil dizer porquê. Afinal a leitura é um acto pessoal que põe em jogo a história de cada um, que a chama a intervir no acto pelo qual a leitura de um texto se transforma em acto material de compreensão, de intervenção, de existência.

O que faz a diferença deste livro não é nem o tema, nem a forma como ele é desenvolvido, nem a tese, nem a escrita, nem os conceitos, nem sequer a dimensão eminentemente vivida de cada passagem, de cada deslocamento, de cada proposta. O que faz a diferença é não ser apenas um livro com todas as qualidades que seriam implicadas por estas dimensões, mas ser um acto de pensar e um acto de viver na sua indissociável unidade e simultânea fragilidade. E, ao mesmo tempo, não se trata, em nenhum momento, de algo como um ensaio, essa forma quase hipócrita e defensiva de exprimir ideias. Do Corpo Equívoco é, em toda a sua extensão e intensão, uma rigorosa e vigorosa experiência de levar a racionalidade aos seus próprios limites e de a compreender, por dentro, nas suas dobras e nos seus equívocos, tornando-a um precioso instrumento de afinação do olhar.

O livro de Eugénia Vilela apresenta-se como uma obra sobre o corpo e sobre a modernidade. Apresenta-se, igualmente, como um texto de carácter acentuadamente epistemológico. Na realidade - e se a minha leitura não foi de todo incapaz - trata-se, sobretudo, de um livro de metafísica. Porque poder-se-á falar do homem de outra maneira que não metafisicamente? Talvez que essa metafísica se não encontre expressa no texto de um modo directo e imediato; mas creio que o está na aura que rodeia cada análise, cada conceito, cada afirmação. E está igualmente presente, na forma como todas esses modos de ser e essas categorias se ligam, como se representam mutuamente numa circularidade que rompe as associações imediatas e pré-definidas. É mesmo provável que este livro se desconheça a si mesmo como metafísico. Eis, na senda de Foucault, um dos seus aspectos concretos mais marcantes.

2. Do Corpo Equívoco

O livro inicia-se com uma das mais belas descrições da teoria dos paradigmas. Mas não se trata, como alguém poderia ser tentado a pensar, de uma beleza literária. Trata-se de uma forma de pensar o paradigma que nos coloca, de facto, perante a realidade, que nos coloca no centro de um processo de simbolização. É precisamente este carácter efectivamente simbólico dos quadros de pensamento que permite à autora formular a sua questão: «Procuramos, com o presente trabalho, analisar a dimensão simbólica da relação do homem com o sentido concentracionário de si e do real, pela ligação com o corpo» (p. 9). Eis-nos, de imediato, no cerne do livro e, simultaneamente, no interior de uma teia conceptual que irá sendo deslindada (e, simultaneamente, complexizada) quer com o recurso aos contributos preciosos de Foucault e Serres, entre outros, quer, sobretudo, pelo reconhecimento constante do peso que a realidade efectiva, manifestada, em muitos casos, sob a forma de violência, tem sobre as tentativas

racionalis de apreenderem essa realidade. O corpo surge, neste contexto, como o símbolo máximo (e simultaneamente mínimo) dessas relações, dos confrontos que proporcionam e das imagens que guiam os sujeitos nos labirintos do seu próprio ser. Porque o corpo é o que está mais próximo do sujeito e o que mais o afasta de si mesmo. Espelho e intransponível muro, é no corpo ou através dele que o sujeito aprende a dizer eu. Mas é também pelo corpo que aprende a dizer «tu», «outro», «ele». Daí que o corpo possa funcionar como símbolo máximo das interações do sujeito: tudo se reflecte no corpo e o corpo tudo reflecte. Mas também símbolo mínimo enquanto enunciador da distância cravada no seio da mais profunda intimidade.

É por isso que o espaço determinado pela relação entre o homem e ele mesmo sob a mediação do corpo, é um espaço de conhecimento e de uso desse conhecimento: «lugar de cruzamento de significações sociais, culturais e científicas que nos leva, simultaneamente, ao âmago das sociedades e dos indivíduos humanos, ao centro do conhecimento e da verdade. O corpo afigura-se, assim, como uma forma simbólica» (p. 9). E é enquanto forma simbólica que ele se torna o território de partilha «dos sentidos excomungados e dos sentidos legitimados» (p. 10), ou seja, o lugar de maior visibilidade da verdade; o que por seu lado traz à superfície a grande marca moral de toda a epistemologia moderna.

Modernidade de que Eugénia Vilela retém o valor da crítica («Para delinear um saber sobre os corpos que se coloque sob o movimento de um pensamento crítico...» (p. 10)); mas o projecto analítico deste livro só pode ser chamado crítico se usarmos o termo num sentido substancialmente diferente daquele em que é usado pela epistemologia moderna; trata-se de uma crítica que não reconhece um ponto de vista a partir do qual nasce, mas que flui com os acontecimentos, que procura interceptar-lhes as imagens recalçadas ou ignoradas; trata-se pois, de «fracturar as narrativas sobre o corpo» (p. 10). «Fracturar» que surge superficialmente identificado com «desconstruir» mas que, na realidade, obedece a uma economia conceptual substancialmente diferente; talvez fosse preciso substituir, por toda a parte, neste livro, a expressão «desconstruir» pela expressão «fracturar» que muito melhor diz do processo de incisão efectuado ao longo destas páginas.

3. Das narrativas

É precisamente esse método de fractura que Eugénia Vilela põe em jogo no que chama uma «cartografia dos territórios da modernidade». A análise é efectuada num registo predominantemente epistemológico mas - e essa é uma das virtudes maiores deste livro - a epistemologia aqui actuante é de natureza genealógica, o que, desde logo, permite entrever que o plano onde verdadeiramente tudo se joga é o ético. Os argumentos aduzidos pela autora, profundamente inspirada nas análises de Foucault, confluem sempre na denúncia da «clivagem epistemológica» que ao tornar-se «traço essencial do discurso epistemológico tradicional» conduz à deturpação da

racionalidade sob a forma de um modelo totalitário que acaba por ser sustentado por «um modo justificacionista de articular o conhecimento e a verdade» (p. 11).

Estes são os traços fundamentais que determinam um espaço: o do modo como o homem se liga ao saber e, sobretudo, ao saber de si mesmo. Ora, como é evidente, num modelo epistemológico como este, não há verdadeiramente lugar para o homem. Há apenas lugar para um sujeito. A este sujeito chama Eugénia Vilela, «homem sem corpo».

Porque o corpo do sujeito - afinal o sujeito, por mais transcendental que seja, não está desligado de uma encarnação mais ou menos visível - só pode ser entendido à maneira de um objecto. Um objecto a ser tratado pela ciência à maneira de todos os outros objectos e, sobretudo, olhado pelo sujeito como mais um objecto entre os objectos. O pensamento heideggeriano do utensílio subjaz, inequivocamente, a toda esta análise.

Do ponto de vista do indivíduo, emerge assim uma distância (epistemológica?) entre o eu e o seu corpo, pensado à maneira dos objectos possuídos (o meu corpo).

Do ponto de vista do social, o corpo tornar-se-á, como tão bem o mostrou Foucault, o espaço de uma normalização, de uma ortopedização, a via de entrada naquilo que, ainda que não claramente definido, era o homem. Este procedimento constitui o único aspecto 'positivo' do movimento global de «insignificância do corpo» que é o efeito directo da razão totalitária que não permite outra imagem que não a da identificação do corpo com um objecto possuído.

4. Da violência. Da ficção

Mas esta identificação só pode ocorrer sob o signo da violência. Violência que separa o eu da verdade, o eu daquela parte de si a que chamamos «corpo», violência que institui uma norma (seja ela qual for) como modo próprio de acção, de vivência, de existência.

A denúncia do corpo como objecto epistemológico constitui, pois, o aspecto central da primeira parte do trabalho, denúncia centrada na oposição entre «corpo epistemológico» e «corpo existido».

Mas esta violência não é meramente conjuntural ou, sequer, estrutural; ela é totalmente inseparável da razão (por mais paradoxal que isso pareça), é elemento absolutamente imprescindível à própria existência da ratio.

O corpo como ficção é o traço (relativamente) visível desta violência na superfície epistemológica. O corpo como modos de ver o corpo, a sua única existência plena, mas também

a sua anulação como elemento exterior - definitivamente exterior - à racionalidade ou, pelo menos, à racionalização.

Insustentável nos limites da pura objectualidade, por efeito, digamos, perverso, da própria violência, o corpo constitui-se, então, como uma outra espécie de objecto: objecto transcendental ou simbólico (no que estes dois termos possuem de equivalente) que dá a ver ao sujeito, não apenas aquilo que os olhos vêem mas, num único movimento (atravessado, é certo, por múltiplas indeterminações -- o próprio corpo. Porque é «através da morte, do medo, do desejo» (p. 14) que o corpo faz estalar a configuração racional em que tinha sido encarcerado. E assim, se inicia a verdadeira narrativa moderna do corpo, aquela que fica sempre de fora: a de um quase objecto que sendo objecto e sendo vivo, oscila, perigosamente, entre o epistemológico e o existencial. Daí a falsa evidência que é o corpo (cf. p. 114).

Esta oscilação constitui, de resto, uma das características centrais da modernidade, com um alcance inclusivamente mais amplo do que o próprio corpo, ainda que este seja, sem dúvida, a ponta do icebergue. Só em função dela se pode compreender, por exemplo, a radical impossibilidade moderna da constituição de uma ética; veja-se o caso paradigmático de Kant, onde o ético é ou um mero formalismo (Crítica da Razão Prática) ou um conjunto avulso de normas comportamentais (Antropologia de um ponto de vista pragmático).

Nem plenamente objecto nem não objecto, esta particularíssima espécie de presença a si que é o corpo é conjugada como quase-objecto (p. 125) enquanto racionalidade equívoca sobre o humano (p. 125) na medida em que implica a cisão entre o homem e o seu corpo. Mas esta cisão epistemológica, na medida em que o conhecimento do humano implica também valores, torna-se uma cisão existencial e mesmo ética e o remeter do eu (sujeito) a um espaço que se chamará transcendental mas que em termos conceituais é, simplesmente, um espaço ilocalizável e insubstancial (ou de inconsistência).

Tornada impossível uma objectivação ou uma subjectivação total do corpo, é no espaço do imaginário que ele vai ser multiplamente dito pela modernidade ao ponto, quase paradoxal, de ser, como escreve Eugénia Vilela, «o elemento do imaginário social que, em cada sociedade, caracteriza a relação do homem com o seu mundo» (p. 101). Eis porque o corpo não pode ser entendido como matéria simplesmente recalcada (de que se poderia estudar os eventuais efeitos de regresso), mas um objecto equívoco.

Mas em que consiste, de facto, esta ficção do corpo? Consiste no não facto da própria marginalidade do corpo. Impensado da epistemologia, tornar-se-á objecto de uma existência trágica (p. 129) que o homem arrasta no traço da razão como o não racionalizável. Meramente vivido (sublinhe-se o «meramente»), o corpo torna-se a traição do homem. Torna-se, de alguma forma, inumano (p. 130). A razão inumana torna, igualmente (por razões opostas) inumano o

próprio corpo. Algo que deve ser entendido como um peso, como uma mácula ancestral que se não fosse ficcionalizado, poria em risco o projecto humano-racional. Uma ameaça, portanto.

Sade e Rousseau são modos distintos mas epistemologicamente equivalentes desta ficção.

Na denúncia desta violência, Eugénia Vilela não se mantém nunca nos estreitos limites do registo epistemológico. E é, sobretudo, pela escrita, pelo poder fracturante, desestabilizador e chocante da escrita (da sua escrita) que ascende à dimensão eminentemente ética que se torna o autêntico plano de desenvolvimento das análises de *Do Corpo Equívoco*.

5. Do limites. Da resistência

É, na terceira parte do livro que podemos encontrar a dimensão afirmativa da obra, através de uma reflexão «sobre o movimento de disposições político-epistémicas que tornam possível o desenho de um modo de inteligibilidade das desordens humanas, no qual o conhecimento e a vida se implicam intrinsecamente através da paixão das passagens, no lugar-corpo-símbolo-existido» (p. 15).

Vimos que a narrativa moderna do corpo assenta numa violência. Mas a essa violência corresponde uma contra-violência que se inscreve, rigorosamente, no mesmo espaço da primeira. Sua imediata consequência, elemento radicalmente não epistemologizável, limite intrínseco da possibilidade da própria narrativa, «o corpo existido configura-se, então, como o lugar desde onde o homem trai o humano concebido como categoria universal» (p. 126). O corpo existido é, seguramente, «um corpo marginal» (p. 128), mas é essa marginalidade que, precisamente, faz dele um elemento interno à ficção narrativa. Digamos que é a sua condição ou o seu horizonte, apesar de ser, acima de tudo, o seu efeito.

Eugénia Vilela segue, a partir daqui, dois caminhos simultâneos e mesmo sobrepostos:

- por um lado, evocando as fundamentais análises foucauldianas da exclusão, da transgressão e da resistência, sublinha um conjunto de fenómenos que são a materialização daquela negação do humano entendido como universalidade abstracta, sintetizados na noção de limite elevada ao estatuto de verdadeira categoria quase-ontológica e que constituem o dia a dia da contemporaneidade; neste livro simplesmente indicados teoricamente, a eles dedicou a autora trabalhos posteriores que conferem a esta indicação conceptual uma energia vivencial e poética;
- por outro, esboça, a partir das propostas de Serres e Atlan, o modelo de uma outra racionalidade que seria, eventualmente, capaz de ultrapassar as cisões inerentes à ratio moderna.

O corpo (o corpo existido, entenda-se) torna-se, então, o lugar a partir do qual o limite constitui o ponto original de uma outra maneira de ver o homem e o mundo e de o ver racionalmente.

6. Da paixão da passagem. Da reconstrução do corpo

O grande objectivo da terceira parte de *Do Corpo Equívoco* é o de constituir uma epistemologia compatível com o ético.

Uma epistemologia que possa responder a esta exigência deve, naturalmente, na sequência do pensamento da autora, proceder a uma dupla reconstrução: da racionalidade e do corpo. Uma tal transformação não obedece, todavia, a uma hierarquia lógica mas antes ética. A nova racionalidade não é uma afirmação ou uma construção teórica, mas o efeito de choque das exclusões. E o corpo, como sempre, ocupa aqui o lugar primordial. Evocando, uma vez mais, Foucault, a autora observa: «Face a uma ontologia do presente que sustenta a configuração do pensamento de futuro, torna-se essencial fazer uma história dos limites para que possamos traçar o desenho da nossa identidade - individual e social» (p. 164). Porque o corpo «se apresenta como um dos objectos resistentes ao regime moderno de verdade» (p. 166). À verdade moderna opõe-se, agora, o possível. Espaço singularmente branco - mas não em branco - branco de sangue, branco de morte, branco de dor, este espaço-corpo é o lugar único donde pode nascer um pensamento que não seja a simples representação de uma ordem, mas a verdadeira fractura da oposição entre ordem e desordem ou seja, entre racionalidade e não racionalidade: «os corpos vêm abrir o lugar de um outro acontecimento possível: são o espaço de ruptura, traduzem a sua existência nessa linha de sombra - uma realidade afirmada entre a perda e o possível. Apenas possível sob uma racionalidade aberta» (p. 166).

É a partir da noção de transcendental concebida à maneira de Serres que Eugénia Vilela delinea os contornos desta racionalidade aberta.

Esta nova racionalidade aberta possibilita, a partir da matéria marginalizada, a constituição de «lugares de resistência» inscritos precisamente no novo espaço transcendental, nas intersecções, nas passagens. Lugares de paixão e de existência, acontecimento.

7. Da imagem

Não nos iludamos: apesar do subtítulo desta obra («Reflexões sobre a verdade e a educação nas narrativas epistemológicas da modernidade») *Do Corpo Equívoco* não é a denúncia de uma fragmentação ou de uma fractura entre o conhecimento do corpo e a sua vivência (p. 165) que seria própria do modo epistemológico moderno. Isso é apenas a introdução ou os prolegómenos -- apesar de ocupar a parte mais extensa da obra (não esqueçamos a proveniência académica deste texto). O que verdadeiramente conta neste livro é, como já se sublinhou atrás, a tentativa -

mais ambiciosa, mas também mais problemática - de encontrar não só um caminho para a elaboração da ultrapassagem daquela fractura como também de partir do corpo para uma reelaboração epistemológica que deixe para trás os modelos modernos e a incompatibilidade que lhes é própria entre o epistemológico e o ético.

Desde o início que o projecto é, claramente, enunciado. Logo na p. 14 pode ler-se: «o corpo deixa de ser pensado (...) sob o modo de existência dos objectos epistemológicos, para se interpretar como elemento essencial à configuração de um entendimento outro sobre a relação entre o conhecimento e a verdade».

Numa análise como esta, não se correrá, no entanto, o risco de estabelecer uma nova espécie de narrativa sobre o corpo? O que permite fazer do corpo o lugar de emergência de um pensamento outro? (se entendermos «outro» no sentido sistematicamente sublinhado pela autora ao escrever «pensamento outro» e não «outro pensamento»?)

Que o corpo seja um «lugar possível» (p. 156) tornado equívoco pela modernidade é relativamente pacífico (no quadro teórico desenvolvido pela autora), mas em que reside a capacidade do corpo, mesmo enquanto existido, de dissolver o imenso véu de equivocidade que a epistemologia moderna lançou sobre o indivíduo (e não apenas sobre o corpo)? Será o corpo mais do que apenas um dos aspectos excluídos? Não se poderá estar, ao privilegiar desta maneira o corpo, a aceitar, inconscientemente, o paradigma moderno que sublinha a fractura? Será, verdadeiramente, o corpo, o objecto-sujeito da exclusão? Será esse corpo objecto-sujeito da exclusão o mesmo corpo que se apresenta como caminho para uma racionalidade aberta?

Se «contemporaneamente, não há uma partilha de sentido, mas antes um sentido fracturado, ou melhor, um sentido partilhado desde a fractura exterior do acontecimento» (p. 166), o que nos permite enunciar ainda o corpo como o lugar de passagem por excelência?

A mim, enquanto mero leitor deste texto absolutamente admirável, dá-me a sensação que não é já, verdadeiramente, do corpo que se fala quando se escreve: «O esforço de reconstrução supõe, assim, a reflexão sobre o movimento de disposições político-epistémicas que tornam possível a emergência de um modo de inteligibilidade das desordens humanas no qual o conhecimento e a vida se engendram mutuamente, através da paixão dos paradoxos, no lugar-corpo-símbolo- imediato-existido» (p. 166).

É, no entanto, esta nova forma de equivocidade do corpo que faz com que a autora conceda ao possível um lugar central na nova epistemo-ética que procura delinear.

O corpo será, talvez, o lugar do possível, mas o possível é apenas uma imagem (admitamos: uma imagem outra) do real. E no calor do jogo de desconstrução e de reconstrução, é

excessivamente fácil esquecermo-nos de que é disso mesmo que se trata: de um jogo, isto é, de um conjunto de movimentos determinados por regras. O possível depende dessas regras; é indicado por elas (como um seu outro).

Reconstruir o corpo não é, necessariamente, reconstruir a epistemologia; ou se o for, não é afastá-la do seu lugar central. É por isso que nada mais resta a Eugénia Vilela senão a exploração infinita dos movimentos de resistência e de sobrevivência. Num jogo permanente entre um acontecimento que se procura surpreender na sua dimensão própria e um transcendental tornado cada vez menos equívoco. Se a equívocidade do corpo é plenamente esclarecida neste livro, fica por clarificar o equívoco do transcendental. E sem a ultrapassagem deste outro equívoco permanece inviável uma adequada reflexão sobre a ética; porque quando se pensa o ético sob a égide do vivido e apenas dele, o que nos resta é a enumeração de imagens, de tragédias, de heroísmos. A abertura ética processa-se, neste caso, sob a égide da imagem, sem verdadeira abertura ao sujeito.

E essas descrições assemelham-se, perigosamente, a uma narrativa.

O saber e o sangue (p. 175 e sqts.) não é já, definitivamente, corpo. Ainda que seja no corpo que se inscreve o regime de visibilidade do saber e o regime de dor do sangue. Mas quer num quer noutro caso, estamos apenas perante um regime. Ou seja, uma ordem, uma epistemologia.

É certo que «se aquilo que se opõe ao mesmo enquanto figura gnoseológica e ontológica, é a experiência não teórica do outro, o corpo pode ser o epicentro dessa experiência: se na modernidade pelo corpo passa a verdade enquanto este é lugar de inteligibilidade, na contemporaneidade a aprendizagem cumpre-se através dele e por ele, não como um movimento de chegada a um lugar definitivo e definido, mas como um movimento em aberto, provisório» (p. 180). Mas quem escreve: «Na força convulsa dos corpos prefigura-se uma não-resignação da aceitação da morte e do erro, numa palavra, a não cumplicidade entre a violência e a verdade (...)» (p. 182), sabe, ainda que o não escreva, que o que aqui está em jogo é, seguramente, uma coisa outra que não o corpo. Porque se assim não fosse, poder-se-ia configurar, igualmente (e paralelamente) a aceitação de uma convulsão que não diz respeito ao indivíduo nem ao ser (possível), mas tão simplesmente ao ser real que assim determina os corpos, uma vez mais, como objectos, com o ilusório acréscimo de um novo (outro) estatuto.

O corpo é, de facto, o paradigma da possibilidade. Ente cuja natureza se configura, cada vez mais, como disponibilidade que incha ou se distende, mas que é instrumento de uma imagem paradigmática, de um corpo mirífico em relação ao qual se exercita o regime de possibilidade do nosso próprio corpo.

8. Da vivência

A parte final do livro de Eugénia Vilela esboça, assim, um universo epistemológico - o da contemporaneidade - mas valorizando-o excessivamente e a partir dos seus próprios critérios. Como se em relação à contemporaneidade não fosse possível ou legítimo efectuar um discurso crítico paralelo ao que foi rigorosamente efectuado para a modernidade.

O espaço de hesitação definido como o campo do obrar do corpo é imagem de um sujeito dividido, fracturado, ele mesmo hesitante perante a multiplicidade dos caminhos, de que o saber e o sangue são os pólos aparentemente mais afastados, pelo menos num enquadramento epistemológico que permanece, afinal de contas, o registo em que o livro apresenta o seu desenvolvimento.

E talvez seja esse um dos seus limites; porque se se reconhece que o esquema metafísico ou epistemológico simplifica a realidade, o facto é que *Do Corpo Equívoco* acaba por oferecer um novo esquema epistemológico, o esquema transcendental da hesitação onde o corpo se substancializa numa imagem de auto-reconhecimento num saber que carrega em si as marcas do sangue, mas que nem por isso deixa de ser saber. Não basta esta reivindicação. É preciso providenciar no sentido de que esta hesitação se não torne uma nova figura epistemológica. É preciso que, no próprio espaço dessa hesitação, se esteja definitivamente disposto a abandonar o conforto próprio de qualquer epistemologia e a enfrentar, sem equívocos, a metafísica de que tudo é feito.

Poder-se-ia, pois, perguntar se este livro não instaura uma nova narrativa sobre o corpo (efeito perverso das desconstruções), se não torna o corpo numa espécie de território íntimo de salvação, inserido num regime da imagem em que a visualidade, o estético e uma certa derivação infinita do ético substancializa a própria hesitação entre o saber e o sangue, mostrando esse espaço como lugar de encontro com a 'verdadeira' verdade.

Do Corpo Equívoco estabelece, de forma demasiado expedita, a ligação entre o epistemológico e o ético, esquecendo que esses domínios são, incontornavelmente, distintos. Tanto quanto me é possível observar, o que falta a este livro é a libertação em relação ao epistemológico, o que permitiria, talvez, o reconhecimento dos limites de algumas categorias de carácter epistemológico mas que operam, na economia deste texto, como quase-ontológicas, na ausência de uma consideração expressamente ontológica. O possível é um desses casos; a incerteza e a complexidade um outro caso. E, claro, acima de todas, o próprio corpo. Como se por detrás do corpo ferido, como se no interior dessa incisão brutal, emergisse necessariamente (ontologicamente) uma verdade ou uma natureza autêntica e não, mais simplesmente, a pura ausência, a pura degradação de qualquer espécie de valores. O puro terror ou a pura miséria. Diríamos, assim, perante o percurso efectuado por Eugénia Vilela e perante as dúvidas que o seu

modo de solução nos suscita, mas no seguimento da sua mais íntima inspiração, que o corpo é a ferida infinita (mas infinitamente reaberta) da razão.

Do Corpo Equívoco é um livro de filosofia porque é uma intervenção do sujeito na sua própria vida (e na nossa); não é uma exposição teórica de um tema. *Do Corpo Equívoco* não é, também, um livro perfeito (perfeito é *A Fenomenologia do Espírito*). Se há nele ainda formas de contrato com a verdade, ele resiste, simultaneamente, ao que, para outros, seria a providencial saída, a ironia, e desenvolve-se num infinito e fértil deserto de razões.

Este livro inaugural é, simultaneamente, um livro final. Quem escreve uma obra como esta não pode escrever outra idêntica. Depois dela tudo terá de ser diferente. Há ainda, talvez, demasiada perfeição neste livro, demasiada afirmação, demasiada fé. No fim deste percurso cumpre ao autor, como Zaratustra, retirar-se para a montanha e aí vencer as suas tentações. E quando, de novo, se erguer e retomar a palavra, essa palavra terá, seguramente, um timbre que os nossos ouvidos não reconhecerão.

Livro fundamental, para nós, leitores tal como para a própria autora. Texto magistral no equilíbrio infinitamente precário do saber e do sangue, livro incontornável que nos ensina a ler, a escrever, a pensar de uma forma cada vez mais esquecida: ler com as mãos, escrever com os olhos, pensar com a esperança.

É pois necessário ler este livro, aprender a lê-lo, mesmo no que ele possa conter de equívoco e que nem por ser equívoco deixa de constituir um dos aspectos mais emocionantes da sua leitura.

Do Corpo Equívoco é um exemplo vivo daquela coragem com que Foucault caracterizava a crítica e que é a única forma não a-crítica de a entender.